

Homem-máquina: o imaginário ciborgue construindo sociabilidade¹

Karla Azeredo Ribeiro Marinho²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

Este ensaio trata da ilusão cibernética de fusão do corpo e da máquina, por meio do imaginário de motociclistas que têm sua motocicleta como parte do seu corpo. Este imaginário assume outra perspectiva quando estes se vêem imersos no ambiente virtual, onde realidade e simulação se confundem por meio da tecnologia. No ciberespaço, o imaginário ciborgue (MORSE, 1998; FELINTO, 2005b) constitui o apogeu da idéia de “liberdade sem fronteiras”, cuja característica é própria do momento atual onde, segundo Gumbrecht (1995), vivemos na era pós-televisiva, em que a cultura virtual prescreve novas formas de nos relacionarmos com e no mundo em que vivemos. Sendo assim, ao fundirem o desejo de liberdade, aventura e velocidade no ciberespaço, os motociclistas aproximam-se de outros atores que partilham o interesse por motos, construindo uma comunidade em torno de um mesmo afeto. Deste modo, buscar-se-á refletir sobre a construção de sociabilidade entre uma tribo (MAFFESOLI, 1984) de motociclistas a partir da materialização do imaginário ciborgue no ciberespaço.

Palavras-chave

Ciberespaço; Ciborgue; Imaginário; Neotribalismo; Sociabilidade.

O ciborgue sobre duas rodas

É sabido que as novas tecnologias da comunicação e informação atuam na construção do imaginário do homem contemporâneo, promovendo uma intensa e dinâmica relação entre o indivíduo e sua própria produção de subjetividade. Nesta perspectiva, diversos autores recorrem constantemente ao uso de metáforas (FELINTO, 2005a; WHERTHEIM, 2001) para tratar o fenômeno da imersão da sociedade na cultura digital.

Felinto (2005a, p. 57) dialoga com Whertheim (2001) ao perceber quão expressivo é o sentimento otimista dos entusiastas tecnológicos que defendem a visão do advento da “vida atrás da tela” como uma nova forma de organização coletiva em torno de um projeto

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Aluna do Programa de Pós Graduação em Comunicação - Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestranda no Curso de Tecnologias de Comunicação e Cultura da UERJ-RJ, e-mail: karlamarinho@uerj.br.

espiritual. O autor ainda enumera uma série de trabalhos acadêmicos que potencializam o caráter divinizador do ciberespaço, como sendo a nova “Jerusalém Celestial”, onde todos os entraves para sobrevivência se esfumariam, as tormentas desapareceriam, as dificuldades e problemas do homem seriam resolvidos.

Esta visão gnóstica passou a povoar o imaginário do homem pós-moderno pela intensidade com o qual ele se utiliza das novas tecnologias da comunicação, principalmente em se tratando da sua principal representante, a Internet.

Da capacidade que o homem tem de adaptar-se a tecnologia e incorporá-la em suas atividades cotidianas como o trabalho, o lazer, a comunicação e a informação; nasce este imaginário totalizante tomando a Internet como o espaço onde as diferenças são diluídas, as possibilidades são inesgotáveis, as identidades são múltiplas. Mas, para usufruir deste espaço em que é possível a realização deste projeto espiritual de salvação, o homem deve entregar-se a tecnologia e também integrar-se a ela (FELINTO, 2005b; MORSE, 1998).

Para chegar a “Jerusalém Celestial” assim como no discurso presente nas doutrinas cristãs da modernidade, o corpo do homem deve ser purificado, os pecados devem ser perdoados, a alma liberta para no gozo da liberdade unir-se a outras almas no “Paraíso Celestial³”. Desse modo, o homem tecnológico vai se desprender do seu corpo orgânico e conduzir-se para o espaço virtual (MORSE, 1998). Este homem se transforma em um híbrido, uma associação imaginária de si mesmo com a tecnologia.

Este híbrido é definido como um ciborgue, constituído, segundo Lemos (2004), por partes orgânicas (o cérebro humano) e inorgânicas (o computador). Para o autor será esta combinação que prescreverá novos modos de existência humana a partir da fusão das duas espécies.

Lemos (2004, p.165) acredita que o devir ciborgue ou pós-humano está presente desde a pré-história quando o “homem primitivo de uma pedra faz uma arma e um instrumento”. Morse (1998, p.126) dialoga com Lemos ao entender que a o ciborgue está presente em outras épocas na história das sociedades. A autora revisita McLuhan para apontar que também no século XX, este indicava a existência do ciborgue ao afirmar que os meios tecnológicos funcionavam como extensões de nossas funções orgânicas fazendo eco sobre a existência do pós-humano ao descrever a relação que o homem tinha com a tecnologia. Embora ele não

³ Expressão cunhada por Margaret Wertheim (2001) para referir-se ao ciberespaço.

usasse a terminologia ciborgue, se referia a fusão do homem com a técnica por meio de extensões de seu corpo.

A modernidade teve em meados de 1940, entre os jovens americanos um dos terrenos mais férteis para a construção de um imaginário ciborgue. Conforme estudo empreendido por Thompson (2004 *apud* MAIA & MESQUITA, 2007), neste período era comum entre os jovens de maior poder aquisitivo nos Estados Unidos o hábito de adquirir motocicletas e por meio destas cultivarem seu espírito de liberdade e irreverência. O fim da segunda Guerra Mundial também reforçou este imaginário entre alguns ex-combatentes, que decidiram viajar sem destino para esquecer os horrores dos campos de batalha, apresentando por onde passavam um comportamento arredo e violento oriundo do trauma pós-guerra.

Embora representassem duas tribos de motociclistas distintas, em se tratando do caso dos jovens de maior poder aquisitivo, afiliados pelo sentimento de liberdade e prazer e no caso dos ex-combatentes associados pela tentativa de fuga da realidade e traumas de guerra, a relação com a motocicleta para estes grupos é fruto de um imaginário incidindo sobre o objeto técnico como extensão da condição orgânica dos próprios motociclistas. Ao subirem em suas motocicletas, todos estes indivíduos ganhavam novos pés que os libertariam de suas identidades reais e forneceria uma nova identidade, quando não uma nova personalidade, permitindo às novas identidades esquecerem os afazeres de uma juventude comum ou os deveres para com o país para se tornarem motociclistas.

Diante desta nova identidade estes motociclistas gradativamente evoluíam sua condição ciborgue, buscando adaptar sua motocicleta, agora parte de seu corpo, adaptando-a as suas características. Seria o que hoje chamamos de customização. Deixar de acordo com o gosto do proprietário usando de recurso artístico e criativo. Os adornos e equipamentos que acompanhavam os motociclistas delineavam cada vez mais a estética ciborgue, ampliando as extensões corpóreas de suas novas identidades.

Embora na modernidade fosse possível identificar a construção desse imaginário ciborgue nas tribos de motociclistas, com o advento das novas tecnologias da comunicação e informação, em especial a internet, é no cenário contemporâneo que reside o terreno mais fértil para a construção do imaginário pós-humano. Tal como na modernidade, as tribos de motociclistas contemporâneas mantém vivo o imaginário tecnológico, entretanto, novas configurações são estabelecidas para devir ciborgue, permitindo uma experiência que transcenda a lógica e a racionalidade do mundo real.

Com a expansão da comunicação mediada pelo computador o homem conquistou um novo espaço para a experiência de interação, o ciberespaço. Nele, corpo e matéria mergulharam na imaterialidade, sendo dispersos pelos afetos e sensações que experimentavam. Daí a freqüente referência a uma série de relações empreendidas na rede utilizando o prefixo *ciber*, como o cibersexo, que constitui um fenômeno integrante do que Gibson (2003) cunhou como sendo ciberespaço.

Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças sendo ensinados conceitos matemáticos... Uma representação gráfica dos dados captada a partir dos bancos de cada computador no sistema humano. Complexidade impensável. (2003, p.51)

O ciberespaço tornou possível a promoção do que Gibson chamou de “alucinação consensual” para tribos de motociclistas na contemporaneidade, permitindo que eles criassem um novo estatuto para o imaginário ciborgue presente na modernidade.

Ademais, do mesmo modo em que nas primeiras tribos urbanas de motociclistas dos quais se têm registro, os jovens nutriam o imaginário da fusão de seu corpo com a motocicleta como símbolo de liberdade e ausência de regras; hoje, diante da experiência de imersão no espaço virtual o imaginário assume maior dimensão por representar a fuga do momento atual em tempo real, com plasticidade e mobilidade, sem o mal-estar cotidiano das grandes cidades (Bauman, 2004).

O motociclista contemporâneo no espaço virtual substitui a sua motocicleta pela tela do computador, em lugar de suas mãos, o teclado, em lugar das luvas (que sustentam suas mãos firmes no guidão), o mouse, em cada clique infinitas estradas a serem percorridas. No ciberespaço, o imaginário ciborgue constitui o apogeu da idéia de “liberdade sem fronteiras”, cuja característica é própria do momento atual que, segundo Gumbrecht (1995) é definido como a era pós-televisiva, onde nosso mundo está imerso na cultura virtual, prescrevendo novas formas de nos relacionarmos com e no mundo em que vivemos.

O Ciborgue e a construção de sociabilidade

Gumbrecht (1995) nos faz refletir sobre o potencial da mídia de engendrar novos mundos, realidades e discursos diferentes, prescrevendo novas experiências culturais. Segundo o autor, vivíamos na idade televisiva quando nosso mundo era unicamente imerso em um universo prescrito pela televisão, onde esta determinava nossa formação cognitiva.

Na pós-modernidade, mergulhados na era pós-televisiva, os homens vêem sua vida diluída numa tela de computador engendrando novas formas de existência, com base em relações cibernéticas. As relações sociais que antes eram dadas face a face, atualmente, pela condição pós-humana do homem contemporâneo, são construídas atualmente pela lógica da virtualização.

De acordo com Gitelman (2006) como estruturas socialmente realizadas os meios de comunicação tem nas tecnologias e em seus protocolos expressões de mudança social, econômica e material dos relacionamentos. Com a internet, esta mudança material também foi estendida aos relacionamentos originados do imaginário motociclista.

Enquanto no espaço urbano durante a modernidade, os motociclistas se relacionavam por meio do desejo comum de liberdade e aventura materializado em sua relação com a moto, que não lhe garantia a relação com seu semelhante, já que sua realização dependia exclusivamente do par homem-máquina e neste período a sociedade tinha como base as relações calcadas no individualismo (LATOURET, 1994); no ciberespaço, o motociclista pôde constituir uma relação social com base na partilha da paixão por motos, criando um novo paradigma para entender a sociedade contemporânea (MAFFESOLI, 1994) por meio de comunidades formadas por identificação.

Assim nasceu a comunidade virtual *Tornadeiros*, um site que se originou do encontro de dois membros de uma rede social na Internet que partilhavam do mesmo interesse pela prática de motociclismo off-road. Inicialmente estabeleciam contato por meio dessa rede social, mas em dado momento, conforme destaca um dos criadores da comunidade, Alexandre Ferreira⁴, ambos, acreditaram que as trocas entre eles seriam mais efetivas se fossem abertamente partilhadas com outros que dispunham do mesmo interesse.

O fato de que “grande parte do processo de sociabilidade está baseado nas impressões que os atores sociais percebem e constroem quando iniciam sua interação” (DONATH *apud* RECUERO, 2009, p.29) foi o fator preponderante para a tomada de decisão dos atores sociais envolvidos no processo de negociação para a construção do site.

Segundo Alexandre, mesmo sem se conhecerem presencialmente, ambos uniram seus conhecimentos culturais e técnicos, elaboraram e colocaram o site no ar. O envolvimento mútuo destes dois atores por meio de um imaginário coletivo levou-os a investir tempo e

⁴ Entrevista realizada por e-mail com Alexandre Ferreira, um dos fundadores e atual administrador do site *Tornadeiros*

recurso financeiro – este último se refere ao valor da hospedagem do site – para a concretização de um sonho partilhado e negociado na esfera virtual.

Maffesoli (1994, p.80) entende que “o imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas [...]”. Sendo assim, esta percepção, seja ela cultural, espiritual ou simplesmente afetiva, assume a forma de uma construção mental que une um grupo ou uma comunidade por meio de vínculos engendrados a partir desta relação estabelecida.

Durand (2004, p. 41) dialoga com Maffesoli quando afirma que a realidade humana não é constituída de fatos e sim de percepções. Desse modo a razão, a linguagem, a ciência, arte e os próprios sentimentos são da ordem do imaginário. Como explica o autor, as pulsões subjetivas do indivíduo se encontram com as experiências objetivas de suas próprias vivências. Igualmente, vive-se a realidade a partir das percepções que temos do nosso dia a dia, dos acontecimentos que nos cercam, da nossa realidade “imaginária”.

Deste encontro de pulsões se deu a formação do site *Tornadeiros* que foi se delineando na expressão dos seus idealizadores e na medida em que este se propagava nas malhas da Internet, outros atores eram tocados pelo mesmo sentimento de identificação e reconhecimento de si no outro, nas experiências do outro, nas aventuras do outro, constituindo o “espírito *Tornadeiro*”, cujo lema é descrito na página principal do site, numa espécie de síntese do sentimento que promoveu este vínculo motivador da afiliação destes atores sociais, constituindo as notas iniciais do acorde deste projeto de sociabilidade a partir de uma paixão em comum, a despeito das diferenças e distâncias que os separam (física, geográfica ou socialmente).

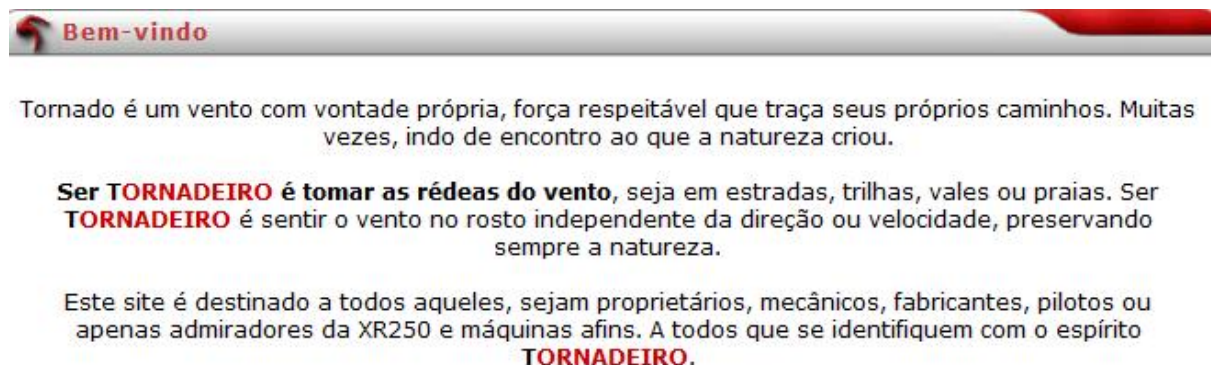


Figura I. Trecho extraído da página principal do site *Tornadeiros*.

Nesta modalidade de relação possibilitada pelo uso social da tecnologia os membros do site, motociclistas ou não (refiro-me aqueles que apenas se identifiquem com o “espírito

Tornadeiro”, mas não possuem uma motocicleta), enquanto pós-humanos, ao abandonarem seus corpos orgânicos têm sua cultura fundida na tecnologia por meio de uma lógica de incorporação (Morse, 1998, p.164-165). A autora explica que esta lógica de incorporação é a fusão das espécies que, intimamente, se introduzem uma na outra. Ela ainda adverte que qualquer introdução pressupõe prazer. Sendo assim, os membros do site *Tornadeiros*, buscam prazer ao introduzir-se no espaço virtual na tentativa de apropriar-se do que ele tem de melhor para oferecer: informação, interação e socialização.

Como exemplo dessa dinâmica, pode-se apontar um dos fóruns no site *Tornadeiros* que trata de assuntos gerais. No dia 22 de agosto do ano de 2006, foi postada uma mensagem que abriu a discussão sobre o uso de um pneu da marca Maggion. Um membro iniciante do site procurava informações sobre a marca, por se tratar de um pneu mais barato e desconhecido por ele. Após postar sua dúvida no fórum de *Assuntos Gerais*, quase que imediatamente, o usuário identificado como Léo recebeu doze respostas ao seu questionamento com indicações sobre o pneu, seu desempenho e equivalência com pneus de outras marcas.

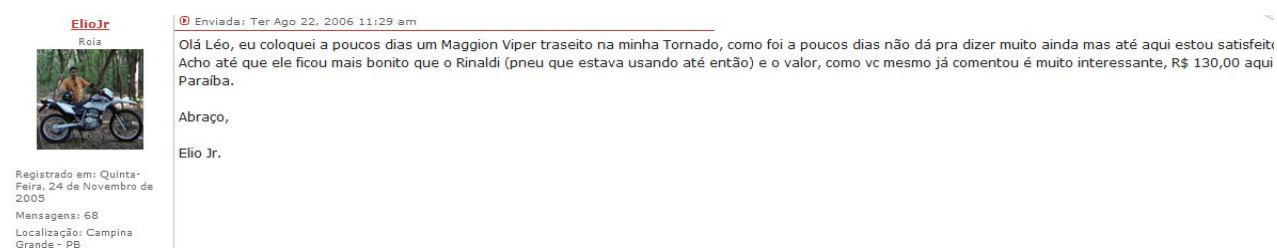


Figura II. Trecho extraído do Fórum Oficina do site *Tornadeiros*.

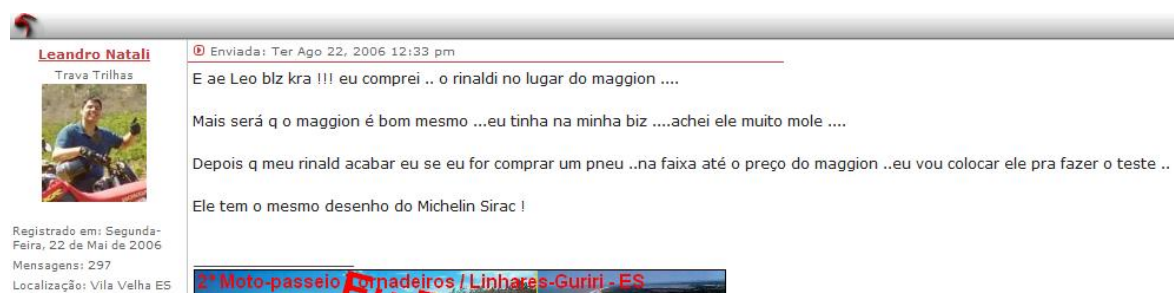


Figura III. Trecho extraído do Fórum Oficina do site *Tornadeiros*.

Ao buscar informação, para proporcionar segurança, economia e prazer em suas aventuras, Leo tinha o objetivo de apropriar-se das melhores informações, incorporá-las e

posteriormente transferi-las para seu repertório cognitivo. Assim, se alimentando das experiências dos outros, Leo poderia viver sua própria experiência.

Dado este exemplo, por meio da lógica de incorporação descrita por Morse (1998), observa-se também uma formação de memória que permite que a qualquer tempo, qualquer membro “entre na pele do outro” (Santaella, 2004, p.53) e, por meio da memória coletiva disponível no site, por alguns instantes, torna-se o outro.

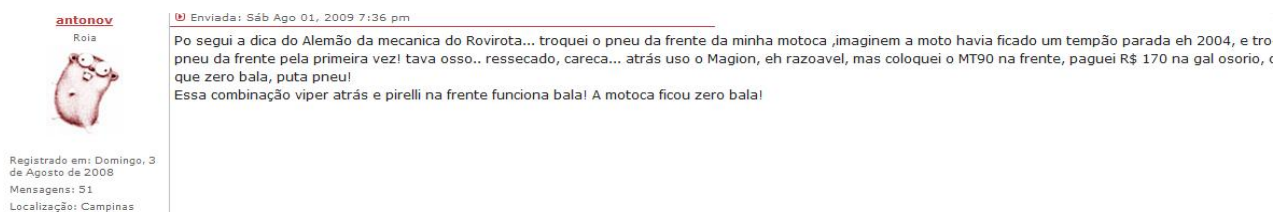


Figura IV. Trecho extraído do Fórum Oficina do site *Tornadeiros*

Essa possibilidade é dada pela memória coletiva que é construída a partir da interação mútua (PRIMO, 2007, p.57) entre os membros cadastrados do site. Essa interação é “caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente”.

No site *Tornadeiros* os atores sociais usufruem de uma dinâmica informacional própria, de uma sociabilidade que fortalece a formação deste espaço como um lugar em que se estabelece um vínculo indissociável entre o mundo concreto e a subjetividade dos sujeitos, de maneira a colocar em debate questões deste mundo concreto, real, para que estas sejam negociadas no espaço virtual. Este vínculo prescreve os laços afetivos que se sedimentam, conforme análise de Rheingold (1996) que acredita na reunião de pessoas em torno de interesses comuns como fator preponderante para a criação de laços de apoio e amizade podendo se estender às relações face a face.

O entendimento de Rheingold é ilustrado no site *Tornadeiros* quando este aponta para a extensão desta relação originada no espaço virtual extrapolando a virtualidade. Os membros do site se organizam virtualmente e, se articulam e negociam encontros presenciais no decorrer do ano em datas comemorativas e ou feriados nacionais.

Embora para Castells (2003, p.109) raramente se articulem interações on-line com interações físicas ele consegue identificar no ato de interação a constituição de redes de sociabilidade segundo os interesses entre os atores da própria rede.

Um dos primeiros estudos que demonstram a relação positiva entre interações on-line e off-line num site em português foi, segundo Castells (2003) o trabalho realizado por Gustavo Cardoso na Pt-net. Neste estudo, Cardoso conseguiu mostrar estreita interação entre sociabilidade *on e off line*.

Estamos na presença de uma nova noção de uma nova noção de espaço em que físico e virtual se influenciam um ao outro, lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social. (CARDOSO, 1998, p.116 *apud* CASTELLS, 2003, p.110)

A visão do autor corrobora com o modo em que alguns membros do site *Tornadeiros* se apresentam fora do espaço simulacral de experiência, dado que estes, enquanto atores sociais extrapolam a virtualidade do site, permitindo afetar suas vidas materiais, no momento em que as negociações realizadas no espaço virtual implicam em construções subjetivas para o seu cotidiano seja por meio da lógica de incorporação, pela constante alimentação de informação dos membros do site quando assumem sua identidade ciborgue ou simplesmente pelo ato de interação onde afetam e são afetados pelo outro.

Considerações finais

Longe de fazer eco aos tecnognósticos⁵, este artigo buscou cumprir o entendimento do imaginário ciborgue nas tribos de motociclistas, desde sua origem até os dias atuais, observando como a tecnologia sempre esteve presente na construção do imaginário destes grupos.

Enquanto objeto técnico, na modernidade, a motocicleta povoava o imaginário de jovens que queriam se sentir libertos das convenções sociais; no caso de jovens de maior poder aquisitivo ou das lembranças constantes pelos horrores vividos na guerra; em se tratando dos ex-combatentes da II Guerra Mundial. Ao subirem na motocicleta estes jovens assumiam outra identidade, e uniam-se às suas máquinas pelas estradas em busca de liberdade. Com suas roupas apropriadas, junto com a moto eles criavam novas extensões corpóreas (MCLUHAN, 1974) e se transformavam em ciborgues.

⁵ Expressão cunhada por Felinto (2005a) para referir-se aos entusiastas tecnológicos que vêem no ciberespaço a Jerusalém Celestial.

Na pós- modernidade, o imaginário do motociclista continuou sendo alimentado pelo desejo de liberdade materializado no objeto técnico motocicleta, entretanto, experimentando novas possibilidades tecnológicas, como a Internet, o devir ciborgue configurou-se de outras formas, a partir do abandono total do corpo orgânico e da fusão do espírito e mente com a tecnologia. O ciborgue contemporâneo ganhou amplitude de movimentos, estradas sem fim, novos adornos e instrumentos de pilotagem (o teclado e o mouse) – tornando possível que motociclistas experimentassem imersos no espaço virtual infinitas possibilidades, na acepção dos entusiastas tecnológicos, como destaca Felinto (2005a).

O que foi possível observar ao longo desta reflexão é que, a partir do uso das tecnologias da comunicação e informação, as tribos de motociclistas deslocaram seu imaginário para outra perspectiva. Sem abandonar o ideal de liberdade e aventura materializado no objeto técnico (motocicleta), por meio da lógica de incorporação (MORSE, 1998) bem como pelas interações mútuas (PRIMO, 2007) entre estes motociclistas; no ciberespaço estes atores sociais puderam através do imaginário ciborgue construir sociabilidade.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet e a sociedade.** São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2003.

DURANT, Gilbert. **O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 28, 2005, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, 2005.

GITELMAN, Lisa. **Always Already New: Media, History, and the Data of Culture.** Cambridge, MA: MIT Press, 2006.

GIBSON, Willian. **Neuromancer.** São Paulo: Aleph. 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não-hermenêutico. **Cadernos da Pós.** Rio de Janeiro: UERJ/IL, n. 5, 1995.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAIA, Carlos Eduardo Santos; MESQUITA, Maria Elisabeth Alves. Territórios e territorialidades urbanas em Goiânia: as tribos dos moto clubes. **Boletim Goiânio de Geografia**. Goiânia: V. 27, n. 3, p.125-142, jul./dez. 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORSE, Margaret. What Do Cyborgs Eat? Oral Logic in an Information Society. In: **Virtualities: Television, Media Art, and Cyberculture**. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Trad. por Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: **Derivas: cartografias do ciberespaço**. Leão, Lúcia (org.). São Paulo: Annablume, 2004.

WHERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço: de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.